

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2020



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**29**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**CH**  
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2020



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

#### Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

#### Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

#### Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

#### Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

#### Redacção | Redactorial Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

#### Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

#### Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Kyriakos Savvopoulos (Oxford University), José Manuel Alba (Universidad de Jaén), Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro), Maria Jose López Grande (Universidad Autónoma de Madrid), Matheus Trevizam (Universidade Federal das Minas Gerais), Miguel Ángel Novillo López (Universidad Complutense de Madrid), Mona Haggag (Alexandria University), Nelson Henrique da Silva Ferreira (Universidade de Coimbra), Núria Castellano i Solé (Universidad de Murcia), Paulo Sérgio Ferreira (Universidade de Coimbra), Pietro Li Causi (Università degli Studi di Palermo), Rui Carlos Fonseca (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Susana Marques Pereira (Universidade de Coimbra).

#### Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2020

#### Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

#### Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.uilisoa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Fundação for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

11 UNA GENEALOGIA DEL SUJETO DEL DESEO

Foucault y la sexualidad de los Antiguos

*A GENEALOGY OF THE SUBJECT OF DESIRE.*

*Foucault and Sexuality in Antiquity*

María Cecilia Colombani

35 LA IMAGEN DE CAYO JULIO CÉSAR EN EL CINE

*CAIUS IULIUS CAESAR'S IMAGE IN THE CINEMA*

Miguel Ángel Novillo López

### 53 ESTUDOS

#### ARTICLES

55 THE LACHISH RELIEFS

The programmatic representation of the king

at war under Sennacherib

*OS RELEVOS DE LACHISH*

*O programa de representação do rei na guerra sob Senaquerib*

Violeta d'Aguilar

87 A PRODUÇÃO DO VIDRO NO EGIPTO DO IMPÉRIO NOVO

À LUZ DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANALÍTICOS

*GLASS PRODUCTION IN NEW KINGDOM EGYPT IN LIGHT*

*OF THE ARCHAEOLOGICAL AND ANALYTICAL DATA*

Francisco B. Gomes

121 A IDEIA DE HISTÓRIA SEGUNDO OS ARQUIVOS REAIS DE MARI

*THE HISTORICAL CONCEPTION OF THE ROYAL ARCHIVES OF MARI*

Maria de Fátima Rosa

- 145 THE ANTHROPOID WOODEN COFFIN OF DIDYME  
FROM GRECO-ROMAN EGYPT  
*O ATAÚDE ANTROPOMÓRFICO DE DIDÍME DO EGIPTO GRECO-ROMANO*  
Ahmed Derbala e Rogério Sousa
- 175 TESEU, O PARADIGMA DO ATENIENSE ÁRISTOS  
Testemunhos de Pausânias e Plutarco  
*THESEUS, THE PARADIGM OF THE ATHENIAN ÁRISTOS*  
*Testimonies from Pausanias and Plutarch*  
Maria de Fátima Silva
- 203 ECONOMIC ACTIVITIES CREATING ARCHETYPES  
FOR TRADITIONAL ABSTRACT LANGUAGE:  
The farmer as the good man in the roman 'Agricola Instructions'  
*A ATIVIDADE ECONÓMICA COMO FONTE IMAGÉTICA DE LINGUAGEM SIMBÓLICA:*  
*O bom agricultor das instruções agrícolas romanas*  
Nelson Henrique da Silva Ferreira
- 229 A IMPORTÂNCIA RIBEIRINHA DE MIRAGAIA (PORTO)  
NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO  
*THE RIVERSIDE IMPORTANCE OF MIRAGAIA (OPORTO)*  
*IN THE ROMANIZATION PERIOD*  
Ana Isabel Lino
- 251 SAKURA NO PAÍS DAS MITOLOGIAS:  
*Storytelling* mitológico e reino encantado  
*SAKURA IN MYTHLAND:*  
*Mythological storytelling and wonderland*  
Sílvia Catarina Pereira Diogo

## **271 NOTAS E COMENTÁRIOS**

*COMMENTS AND ESSAYS*

- 273 THE MORTEXVAR PROJECT  
Valuing variability in the ancient Egyptian mortuary texts  
Carlos Gracia Zamacona
- 281 MYTH, HISTORY, AND METAPHOR IN THE HEBREW BIBLE  
Por Paul K.-K. Cho  
José Augusto Ramos

295 UM NOVO OLHAR SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO:  
A perspectiva de J. G. Manning

*Elisa de Sousa*

305 ROMA NOSSO LAR:  
Tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)

*Ália Rodrigues*

### **313 RECENSÕES**

*REVIEWS*

### **419 IN MEMORIAM**

### **425 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**ESTUDOS  
ARTICLES**



# A IMPORTÂNCIA RIBEIRINHA DE MIRAGAIA (PORTO) NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO

## THE RIVERSIDE IMPORTANCE OF MIRAGAIA (OPORTO) IN THE ROMANIZATION PERIOD

Ana Isabel Lino

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Up201202039@letras.up.pt |  <https://orcid.org/0000-0003-3614-9184>

proposta: 10/12/2018 | aceitação: 16/10/2020  
submission acceptance

**Resumo:** Miragaia, que integra atualmente a Zona Histórica do Porto, cidade ribeirinha de feição mercantil e industrial, conserva em grande parte traços da sua primitiva configuração geomorfológica e urbana. Ao longo dos séculos, este lugar ligado ao Douro foi palco de momentos de grande crescimento da atividade construtiva. Já no período da Romanização ali era reconhecida a importância topográfica da ligação fluvial, que se prolongou durante muitos séculos. O presente artigo reflete sobre a importância deste precoce estabelecimento de atividades em torno do rio e a influência para o posterior desenvolvimento urbano.

**Palavras-chave:** Miragaia, Porto, Romanização, Desenvolvimento Urbano.

**Abstract:** Miragaia, which currently integrates the Historic Zone of Porto – a riverside town with commercial and industrial features – retains traces of its original geomorphological and urban configuration. Over the centuries, this place connected to the Douro river witnessed moments of intense constructive activity. Early in the period of Romanization, the topographic importance of its fluvial connection was recognized and it remained crucial for many centuries. The present article explores the importance of this early establishment of activities around the river and the influence on the subsequent urban development.

**Keywords:** Miragaia, Oporto, Romanization, Urban Development.

## A importância ribeirinha de Miragaia (Porto) no período da Romanização

Aglomerado ribeirinho por excelência, a cidade do Porto desenvolveu-se em estreito diálogo com o troço final do rio Douro, um pouco antes do sítio onde este encontra o oceano Atlântico. Tal característica coloca-o, no dizer de Francisco Barata Fernandes, naquele “afortunado grupo de cidades europeias que nasceu da relação privilegiada de um determinado território com a água.”<sup>1</sup>

Começando por delimitar uma área de estudo, o presente artigo confinou-se à malha urbana situada entre o vale do rio Frio, tendo por limite norte o antigo campo do Olival (vulgo Cordoaria) e a marginal do Douro, a sul. A área na qual incide este estudo corresponde, genericamente, à antiga freguesia de Miragaia,<sup>2</sup> que, desde 2013, com a aplicação da Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro,<sup>3</sup> passou a integrar a União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória. Para facilitar a leitura, designá-la-emos apenas por *Miragaia* no decorrer do texto.

O referido rio Frio (também conhecido por ribeiro das Virtudes, de Miragaia ou do Carregal), afluente da bacia hidrográfica do Douro, tinha origem na zona de Cedofeita. Desde aí, atravessava a antiga Quinta das Virtudes, corria pela rua de S. Pedro de Miragaia (outrora rua do rio Frio) até desaguar no Douro, junto à fonte da Colher. Corria o ano de 1769 quando foi parcialmente coberto para dar lugar à cerca do Hospital de Santo António e se procedeu ao nivelamento dos terrenos.

Tomando de exemplo o princípio de que, para discutir um assunto, “temos de dar passos atrás, olhar para o conjunto da paisagem e ver o que está para lá da fotografia, procurando entender de onde vem e para onde vai o território que conhecemos”,<sup>4</sup> e partindo de questões como: *Que fatores estão na origem do desenvolvimento dos arruamentos junto ao rio? Que grupos aqui habitaram ou laboraram?*, a investigação materializou-se na análise do período da Romanização, ao querer

1 Fernandes 2017, 42.

2 E que anteriormente se chamou freguesia de São Pedro de Miragaia.

3 *Reorganização administrativa do território das freguesias* 2013.

4 Santos 2010, 48.

conhecer-se as mais antigas comunidades, de que existem dados bibliográficos, que ali exploraram o Douro.

## **Romanização: conceito**

Segundo Soria, o termo “romanização” terá começado a ser utilizado no século XIX pela escola inglesa,<sup>5</sup> para descrever um processo histórico que englobou a conquista territorial romana, bem como a consequente aculturação dos *indígenas*. A ocupação estava aliada a uma tentativa de transformação dos povos de acordo com o *modelo* da civilização romana. Para além da disseminação do Direito e da Cidadania Romana, aqui se incluía ainda a padronização da arquitetura, do urbanismo (e ordenamento do território) e a replicação de monumentos com base nos da capital.

Porém, os estudos mais recentes defendem que o processo se deu bilateralmente, através de um intercâmbio entre as comunidades. Cardim sugere, então, que por “romanização” se deva entender:

o complexo e moroso processo de mútua aculturação que teve lugar entre o ‘conquistador’, o Romano, e os ‘autóctones’ dos vários países invadidos, desde os primeiros contactos estabelecidos até à plena incorporação – não apenas económica, política, administrativa e jurídica, mas também social e cultural<sup>6</sup>.

É, portanto, fruto de um já antigo contacto estabelecido entre os povos mediterrâneos e a Península Ibérica, até ao momento em que as populações convivem, conciliando antigas e novas práticas.

---

5 Soria 2013, 711

6 Cardim 2002, 402.

## Miragaia: urbanização

Miragaia parece ter começado por ser não mais do que uma praia à beira rio (fig.3), à semelhança de outras que existiam na cidade do Porto. Data do Bronze Final, no esteiro de Campanhã, o testemunho mais antigo da ocupação dos areais fluviais portuenses.

De acordo com Rui Morais, deverá pensar-se o rio Douro na época romana tendo em conta “o processo de conquista que decorreu a partir do século II a.C. na fachada atlântica”,<sup>7</sup> junto a um dos circuitos de navegação onde as diferentes culturas se encontravam desde a Idade do Bronze.

Também na Idade do Ferro se podem situar alguns aglomerados nas proximidades ribeirinhas sob a forma de castro (como por exemplo o da Penaventosa-Sé ou o de Cristelo-Torre da Marca),<sup>8</sup> cuja importância cresceria com a integração na via romana que ligava Lisboa a Braga.

A urbanização da marginal vai ocorrer sobretudo junto ao rio de Vila. Este afluente do Douro desaguava entre a Ribeira e a Reboleira, formando um núcleo à cota mais baixa, com ligações ao núcleo mais elevado da Sé.<sup>9</sup>

entre os dois pólos em formação, umbilicalmente unidos pelo troço inicial da via romana, ligação que razões topográficas e funcionais justifiquem plenamente, tendem a acentuar-se relações de complementaridade urbana – contexto muito comum à formação das nossas cidades – desenvolvendo-se o burgo baixo numa perspectiva portuária e comercial e assumindo o núcleo alto, não só um carácter religioso como também um valor de posição.<sup>10</sup>

Não seria concebível entender Miragaia como ela se nos apresenta hoje sem saber os fatores temporais que moldaram as formas da sua paisagem, tal como “não é possível construir o futuro sem se conhecer o presente e entender o passado.”<sup>11</sup> Por isso, veremos que já com a Romanização foi explorada a ligação ao rio, relevante para a compreensão do desenvolvimento urbano do espaço, que ainda hoje se constitui como um dos seus maiores fatores de atratividade:

---

7 Morais 2018, 21.

8 Ferrão 1997, 129.

9 Ferrão 1997, 132.

10 Ferrão 1997, 133.

11 Telles 2016, 110.

o facto de a urbe continuar a manter junto ao rio uma zona de ancoragem desde a época romana (altura em que a sua função portuária atingiu um grande relevo) até ao período medieval, leva-nos a acreditar que a existência deste porto poderá ter sido um dos factores de desenvolvimento do povoamento.<sup>12</sup>

Assim, vejamos alguns dados sobre a romanização na área de estudo. Ribeiro Telles afirma que esta se iniciou no ano 218 a.C., ainda que o norte da península só tenha sido “ocupado pelos Romanos 200 anos depois.”<sup>13</sup> Para Lino Dias, a região a norte do Douro, estava, desde a época de Augusto, “definitivamente integrada no Império Romano.”<sup>14</sup> Segundo Barata Fernandes, a propósito de Miragaia:

poderemos situar o processo de formação do seu tecido urbano na Idade Média, havendo documentos, artefactos e elementos arquitectónicos que garantem ocupações muito anteriores, em particular a ocupação romana.<sup>15</sup>

Ora, de acordo com Ferrão Afonso, existiria uma antiga via romana, que partindo do interior norte, subia a colina do Olival, passava pelo local onde viria a existir o postigo das Virtudes, contornava o vale do rio Frio (fig.4) e juntava-se, no atual largo do Viriato, com outra via romana, que “arrancava da margem do Douro na calçada de Monchique”,<sup>16</sup> seguindo pela rua de Sobre-o-Douro, por Massarelos, Arrábida, Lordelo até Matosinhos e depois Vila do Conde e Caminha, acompanhando a orla marítima. Este traçado poderá ter correspondido à via per loca marítima, que corria junto ao litoral, transpunha o Douro e seguia para norte. Não se excluem, porém, a *Via Veteris*, como ficou conhecido o seu troço junto ao rio Ave,<sup>17</sup> ou a *Karraria Antiqua*. Estas últimas tinham, a partir do Porto, percursos muito semelhantes, diferindo a partir do Padrão da Légua.<sup>18</sup> Nenhuma das três está identificada no *Itinerário* de Antonino. Provavelmente, a determinado momento, estas vias reencontrar-se-iam, não desfazendo, porém, da importância da existência de tantos caminhos próximos uns aos outros, exemplificativos da dinâmica viária que cruzava Cale.

---

12 Teixeira 2016, s/p.

13 Telles 2016, 111.

14 Dias 1996, 44.

15 Fernandes 1999, 120.

16 Afonso 2014, 36.

17 Almeida 2013, 108.

18 Ferreira 2016, 129.

A referência a Cale (Calem), especificamente, surge no *Itinerário* de Antonino como ligação entre a *statio* Bracara Augusta e a *statio* Langobriga.<sup>19</sup> A via romana que fazia a ligação de Lisboa a Braga (parcialmente referida no *Itinerário* (fig.1), com o número XVI),<sup>20</sup> cruzava o Douro no Castelo de Gaia<sup>21</sup> (fig.10) com barcas que se ancoravam no lugar de Monchique:

A entrada segura das embarcações na barra conduzi-las-ia aos ancoradouros provavelmente situados em ambas as margens que facilitavam a ligação entre a água e a terra, tornando possível saltar da e para a margem e descarregar ou carregar os produtos de comércio.<sup>22</sup>

De facto, parece que então os romanos não teriam meios técnicos para construir uma ponte de pedra sobre o rio, pelo que a passagem tinha de ser feita pelas ditas barcas.<sup>23</sup> A partir de Monchique, a estrada subia o monte dos Judeus e chegava à atual rua dos Mártires da Liberdade.<sup>24</sup> Não devemos negligenciar, porém, o facto de ter sido com a ocupação romana, que, posteriormente, se viriam a construir pontes de materiais duráveis (como, por exemplo, no rio Leça),<sup>25</sup> algumas resistentes até aos nossos dias.

De acordo com Pereira de Oliveira, “a escolha feita pelos Romanos do local de desembarque deve ter ultrapassado o conhecimento das características do rio”, uma vez que:

os locais normalmente indicados como possíveis, Miragaia e Ribeira, melhor dizendo, esteiros, praias ou areinhos dos rios Frio e da Vila, podiam sofrer as consequências do tipo de regime do Douro, sobretudo no que respeito ao problema da ocorrência das cheias.<sup>26</sup>

O arqueólogo António Silva expõe a proposta de T. S. Soares, que reflete sobre a possibilidade da povoação *Cale* se localizar na margem esquerda do Douro,

19 Silva 2018, 46.

20 “Itinerário de Antonino, roteiro vial do século IV d.C. elaborado com fins estratégicos-militares sob Diocleciano” (Ferrão 1997, 130).

21 “Este Castello he iã derribado, que a Cidade Derribou estando nelle hu Alcaide que fazia agraues na terra. He tão antigo que dizem que o fundou Caio Iulio Cesar. . .” (Barros 1548, 37).

22 Morais 2018, 29.

23 Almeida 1968, 26.

24 Afonso 2014, 38.

25 Almeida 2013, 108

26 Oliveira (1973) 2007, 185.

existindo um segundo núcleo, *Portus Cale*, na “confluência da via romana com o Douro” e que, no seguimento da decadência do castro (*Cale*), a designação *Portucale* se terá alargado aos dois povoados marginais – Gaia e Porto, precisamente junto ao núcleo povoado de Miragaia.<sup>27</sup> Seria aí feita a travessia do Douro, “enquanto na Pena Ventosa nunca teria havido qualquer povoação, quando muito algum templo pagão.”<sup>28</sup> Também Carlos A. F. de Almeida crê que *Cale* se localizava na margem de Gaia.<sup>29</sup> António Silva acredita que a *statio* ou *mutatio* de *Cale* se pudesse, de facto, localizar em Vila Nova de Gaia, por questões orográficas, mas tomando o nome da povoação constituída no Porto.<sup>30</sup>

Por seu turno, J. Augusto Vieira apresenta algumas hipóteses divergentes: a) que *Cale* era do lado do Porto, provavelmente em Miragaia (“Gaia teve sempre este nome e não o de *Cale*, e é da sua situação em frente a Gaia que vem o nome a *Miragaia*”);<sup>31</sup> b) *Cale* era em Gaia, num monte junto ao Paço de Campo Belo, perto do antigo castelo de Gaia; c) existiu, “por estes sítios” uma primitiva povoação que desde sempre se chamou *Portugal*.<sup>32</sup>

Rui Morais, sustentando pelos estudos de Armando Coelho e Vasco Gil Mantas, defende a tese de que *Cale* sempre se situou na margem direita do Douro, vindo a tornar-se *Portus Cale* mais tarde.<sup>33</sup> Mantas explicita mesmo que, após vários achados de grande importância, não persistem grandes dúvidas sobre a localidade de *Cale* se ter situado no Porto, à face da estrada.<sup>34</sup>

No século V, aparece na *Crónica* de Idácio o topónimo *Portucale*.<sup>35</sup> Alarcão acrescenta que possam ter coexistido *Portucale Novum* (Porto) e *Portucale Antiquum* (Vila Nova de Gaia), pelo menos no final do século VI d. C.,<sup>36</sup> tendo em conta que a travessa era feita em barcas (ou, até, sobre uma ponte de barcas), o que implicava a existência de um porto tanto na margem sul como na margem norte. Não exclui, ainda, a possível (mas duvidosa) coincidência de ambas as cidades se

---

27 Silva 2010, 219.

28 Silva 2010, 220.

29 Almeida 1968, 26.

30 Silva 2018, 46.

31 Vieira 1887, 745.

32 Vieira 1887, 745.

33 Morais 2018, 38.

34 Mantas 2008-09, 246

35 Basto 1940, 84.

36 Alarcão 2005, 304.

terem simplesmente denominado *Portucale* durante algum tempo. Todavia, quando utilizado sozinho, o topónimo *Portucale*, referir-se-ia, muito provavelmente, ao Porto.

Quanto à povoação da margem gaiense, poderá ter tido, mais tarde, a designação de *Ceno* ou *Caeno*,<sup>37</sup> partindo da análise da *statio* de “cenoopi docalo” referida na *Cosmografia* de Anónimo de Ravena.<sup>38</sup>

No início do século XX, foram encontradas milhares de moedas romanas em Miragaia, que entretanto se perderam,<sup>39</sup> e eventualmente algumas inscrições.<sup>40</sup> Uma das epígrafes que desapareceu, uma ara votiva, com a inscrição DVRI/C. IVLIVS/PYLADES, terá sido encontrada num templo dedicado a São Pedro nos subúrbios do Porto, provavelmente na Igreja de São Pedro de Miragaia,<sup>41</sup> e que pela palavra *DVRI* parece, a António Silva, “traduzir essa íntima sedução das águas.”<sup>42</sup> Sobre epigrafia, o autor acrescenta:

a circunstância dos monumentos votivos, não obstante as dúvidas de leitura, parecerem invocar os Lares Marinhos, as Águas Imensas, e o próprio Douro, evidenciando o culto, por certo pré-romano, ao rio Douro . . . , como também às divindades aquáticas mais gerais.<sup>43</sup>

Este tesouro numismático, composto de moedas de bronze, pertenceu ao Baixo-Império.<sup>44</sup> Foram descobertos, no vale do rio Frio, junto à igreja de São Pedro, fragmentos de *tegula*. Na rua de Miragaia, n.ºs 75-76,<sup>45</sup> acharam-se vestígios de cerâmica comum romana,<sup>46</sup> utilizada para fins domésticos. Na mesma rua, na habitação com os números de polícia 123 e 124, recuperaram-se fragmentos de *tegnalae*.

De forma mais sintética, B. Ferrão diz-nos que, sobre a ocupação de Miragaia, se encontraram vestígios arqueológicos datáveis dos séculos X e XI.<sup>47</sup>

António Silva apresenta ainda a tese de Magalhães Basto, que fundamenta a existência de “quatro núcleos embrionários da cidade”, ainda que “mais por

37 O Castelo de Gaia poderá corresponder à povoação *Caeno Oppidum* (Rav. *Cosm.* 4.43). *Vias Romanas em Portugal* 2004-20.

38 Alarcão 2005, 305.

39 Silva 2010, 221.

40 Silva 2010, 225.

41 Silva 2010, 225.

42 Silva 2010, 232.

43 Silva 2010, 226.

44 Silva 2010, 226.

45 Silva 2010, 233.

46 Silva 2010, 230.

47 Ferrão 1997, 134.



intuição que à luz dos dados disponíveis à data.” Eram eles: a “cividade pré-romana”, um “polo, provavelmente romano, na foz do Rio da Vila, na Ribeira”, “o alto da Pena Ventosa, onde talvez tivesse havido um refúgio castrejo de velha data”; e, finalmente, “a margem direita do Rio da Vila, e a zona ribeirinha entre este último rio e o Rio Frio, ou Ribeiro de Miragaia.”<sup>48</sup>

No entanto, o arqueólogo defende que “já em época romana poderá ter existido um tecido habitado mais contínuo e homogéneo do que aqueles núcleos podem indiciar”<sup>49</sup> e acrescenta que:

Esta zona, actualmente a cota praticamente idêntica à do Douro, era até ao século XIX um extenso areal, propício ao atravessamento do rio na Antiguidade, como foi sugerido por diversos autores, designadamente Serpa Pinto, que ali imaginava poder ter existido a *mansio* “onde os viajantes do Sul retomavam a via a Bracara Augusta.”<sup>50</sup>

Não há muita mais informação sobre o núcleo romano de Miragaia, a não ser a tão importante proximidade ao rio *Durius*, com as suas praias e enseadas, e que já nessa altura deixava adivinhar a “quase inevitável vocação flúvio-marítima” da comunidade que aí habitava.

O vínculo que na época romana se estabeleceu com o rio foi, e continua a ser, um elemento decisivo para a compreensão da importância do *portus* de Cale e do seu papel na definição da nacionalidade.

Sobre isto, lemos nas Paróquias Memoriais, que de Miragaia se avistava o:

celebre Monte de Gaia, que conforme alguns escriptores era o Cale dos antigos Romanos de que falla o Emparador Antonino no seu *Itinerario das ilbas militares*. Outros com mais fundamento dizem que o tal Cale fora o sítio em que se acha a cathedral e recinto da cidade antiga, de que ainda hoje se conservam muros. E que deste nome e do Porto formam o da cidade e o tomara o Reino de Portugal. Outros escriptores se presuadiram que nesta freguezia sempre estivera o Cale dos antigos, e que daqui o mudaram os Suevos para o Monte da Sé e Pasoss do Bispo.<sup>51</sup>

De acordo com B. Ferrão, “a Reconquista Cristã não protagonizou a ampliação dos aglomerados pré-existentes, antes fomentando a criação de novos e

48 Silva 2010, 228.

49 Silva 2010, 228.

50 Silva 2010, 230.

51 Capela 2009, 595-96.

pequenos focos urbanos”,<sup>52</sup> ainda que algumas das póvoas que estão na origem das freguesias da cidade remontem à época romana.

Acrescente-se o apontamento de J. A. Vieira sobre a “população mosarabe, que naturalmente se concentrava então no bairro de Miragaya”.<sup>53</sup> Ainda que “no Censual do Cabido” se refira Miragaia “como sendo um suburbium situado para lá dos limites da civitate episcopal”,<sup>54</sup> em 1257, já aqui existia uma paróquia. Nas *Inquirições* de 1258, realizadas no reinado de D. Afonso III (1210-1279),<sup>55</sup> Miragaia contava 75 casas.<sup>56</sup> No entanto, de facto, parece que é ainda anterior a existência de um povoado no antigo areal, junto à foz do rio Frio.

Entre os séculos XII e XIV, este povoado de ocupação antiga, onde já existia uma ermida, tende a ampliar-se sobretudo na zona de Monchique.<sup>57</sup> Somente em 1324 a paróquia de São Pedro de Miragaia viria a ser integrada na cidade do Porto, <sup>58</sup> apesar da sua localização fora de muros, servindo de testemunho à expansão urbana que a cidade vivia.

Para podermos visualizar o aspeto da orla marítima na Idade Média, leia-se que:

A configuração do espaço marginal pouco tinha a ver com a que conhecemos hoje em dia. O limite ocidental da cidade era a Porta Nova e, entre ela e a povoação da Foz estendia-se o arrabalde, primeiro, e o termo da cidade, depois. Entre o Porto e S. João da Foz, então uma aldeia, o terreno encontrava-se em geral desocupado, ponteadado, aqui e ali, por modestas aglomerações humanas ribeirinhas que não estavam ligadas por qualquer caminho marginal ao Douro.<sup>59</sup>

Assim sendo, o limite ocidental ribeirinho da cidade era a porta Nobre (ou Nova) e entre esta e a aldeia de São João da Foz, o terreno, maioritariamente desocupado, apresentava pequenas aglomerações humanas, sendo a primeira delas o arrabalde de Miragaia, bairro ligado à atividade marítima e, juntamente com a Ribeira, importante ponto de embarque. Depois da povoação de Miragaia, seguiam-se Monchique e Massarelos.

---

52 Ferrão 1997, 134.

53 Vieira 1887, 680.

54 Afonso 2014, 36.

55 D. Afonso III reinou entre os anos de 1248 e 1279.

56 Afonso 2012, 34.

57 Ferrão 1997, 136.

58 Graça 2004, 12.

59 Barros 2016, 31.

A remota importância dos percursos fluviais e marítimos no comércio levou a que determinados lugares, como a área de estudo, se tornassem propícios para a instalação de indústrias e espaços de armazenamento, uma vez que a proximidade ao Douro, que era o porto do Porto, em muito facilitou os processos de carga e descarga, as transações comerciais, e o escoamento dos produtos.

Aqui viriam a laborar diversos grupos, desde os mais ligados à atividade fluvial e marítima (construtores navais, cordoeiros ou, claro, marinheiros), até aos que se incluem nas indústrias de períodos mais recentes (como o fabrico de produtos de cortiça, a carpintaria, a fundição ou a cerâmica).

## Notas finais

Não importa quantos séculos volveram desde a Romanização, continuamos, como então, a encontrar em Miragaia a importância da feição ribeirinha. Retomando as questões de partida, sabemos agora que o principal fator que está na origem do desenvolvimento dos arruamentos que confrontam o rio é precisamente essa localização marginal. Destacamos, pela negativa, a ausência de estudos concretos sobre o período de ocupação romana em Miragaia, quando comparados com aqueles existentes para os locais da Penaventosa (Sé) ou do Castelo de Gaia.

Entre os fatores mais tardios que transformaram o urbanismo, associados ao caráter fluvial e portuário de Miragaia, podemos ressaltar os estaleiros, ainda que, durante a época Medieval, se situassem situado fora das muralhas, mesmo que adjacentes a elas.

A continuidade da atratividade ribeirinha desta área viria a verificar-se com a presença da comunidade judaica, junto a Monchique, que habitou, durante seis anos, a que seria a *Segunda Judiaria* do Porto, ou *Judiaria de Baixo*, e de que ainda subsiste um seu legado na toponímia miragaiense.

Precisamente em Monchique viria a construir-se um complexo religioso, constituído por vários edifícios numa ampla cerca, o Convento da Madre-de-Deus de Monchique, marcando profundamente a paisagem e a organização do território

junto a Miragaia. Na escolha do lugar de implantação do Convento terá importado, também, a proximidade ao rio.

Foi esta relação com o Douro, concretizada desde tempos remotos, que se quis explorar. Por fim, acrescenta-se que encontramos na edificação da Alfândega Nova (fig.7), no século XIX, um dos maiores símbolos da duração desta estreita ligação, se não mesmo o maior.

Em suma, vemos que se, por um lado, Miragaia recebeu sucessivas transformações na ocupação do edificado, sem chegar a ver significativamente alterada a memória das encostas, fruto da ação antrópica, e do vale esculpido pelo rio Frio, por outro, a intervenção humana veio alterar a organização do lugar, através de grandes obras, que lhe imprimiram uma paisagem muito própria.

## ANEXO A

## Mapas e maquetas

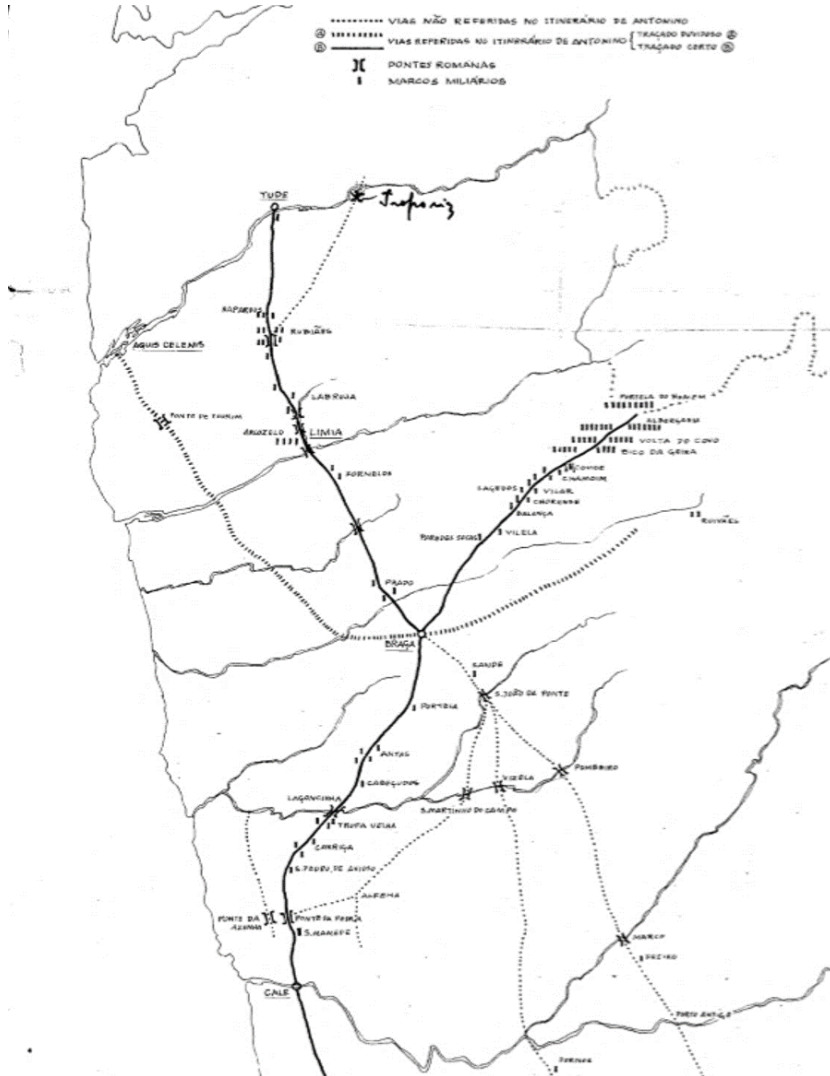
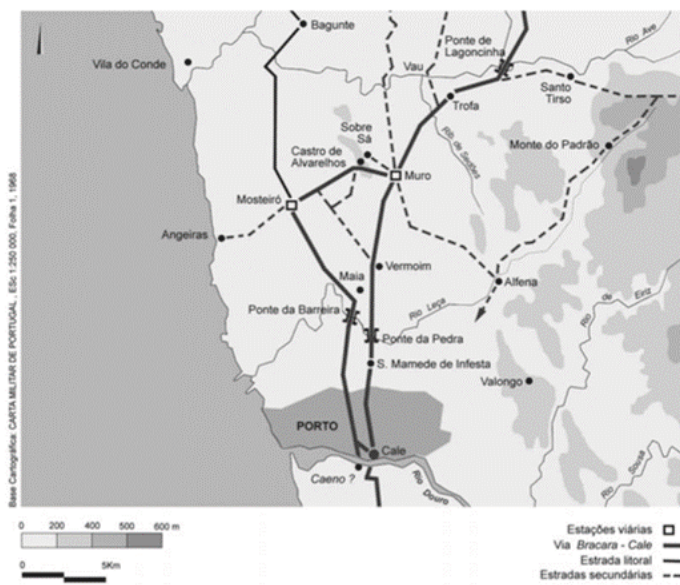


Fig. 1. Vias não referidas no Itinerário de Antonino e Vias referidas no itinerário de Antonino (ALMEIDA 1968, 43).



**Fig. 2.** Traçado da via Bracara-Cale, entre o Ave e o Douro. O autor propõe que a povoação do Castelo de Gaia corresponda a *Caeno*. (Mantas 2009, Lâmina V).



**Fig. 3.** Maqueta do Porto medieval: o subúrbio de Miragaia, com seus estaleiros, 1999. Maqueta, AHMP, Coleção: Olhares sobre o Porto Medieval, no. 5. Disponível em linha: <https://bit.ly/2RKNnZ9>



**Fig. 4.** Rio Frio, nas plantas de G. Balck (1813) e de J. Costa Lima (1839). AHMP. Disponíveis em linha: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/> <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/315549/>



**Fig. 5.** Localização dos vestígios romanos na cidade do Porto sem a área nuclear do centro histórico (Silva 2010, 261).



## ANEXO B

### Fotografias



**Fig. 7.** Miragaia (alfândega e parque de estacionamento), 2018. Fotografias de Ana Lino.



**Fig. 8.** Vista para o monte do “Castelo de Gaia” a partir de Miragaia, 2018. Fotografia de Ana Lino.



**Fig. 9.** Delimitação aproximada do conjunto formado pelo território urbano da antiga freguesia de Miragaia.



**Fig. 10.** Monte do Castelo de Gaia e Miragaia: proximidade entre as margens do Douro.

## BIBLIOGRAFIA

- Afonso, Daniel. 2012. *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521*. Porto: FLUP
- Afonso, José. 2014. “O convento de S. Domingos e o plano urbano do Porto entre os séculos XIII e XVI.” *Cescontexto. Debates - International colloquium “Monastic Architecture and the City”* 6: 35-50.
- Alarcão, Jorge de. 2005. “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – III.” *Revista Portuguesa De Arqueologia* 8 (2): 293-311.
- Almeida, Carlos Brochado. 2013. “A realidade arqueológica do litoral entre o Neiva e o Cávado: da romanização à formação das paróquias.” *Revista da Faculdade de Letras. Ciências Técnicas do Património* 11: 99-111.
- Almeida, Carlos Ferreira. 1968. “Vias medievais entre Douro e Minho”. Tese de licenciatura em História, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Barros, Amândio. 2016. *Porto A construção de um espaço marítimo no início dos tempos modernos*. Lisboa: Academia de Marinha.
- Barros, João de. (1548) 1919. *Geographia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*. Porto: Tipografia Progresso.
- Basto, Cláudio. 1940. “Os nomes 'Cale' e 'Portucale'. Plano de estudo.” *Revista de Guimarães* 50 (1): 83-94.
- Capela, José. 2009. *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: memórias, história e património*. Braga: Barbosa & Xavier Artes Gráficas.
- Cardim, José. 2002. “Romanização e Romanidade”. In *Catálogo da Exposição Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Dias, Lino. 1996. “Contributo para a análise do ordenamento romano do território marginal do rio Douro.” *Douro - Estudos e Documentos* 1(2): 31-56.
- Fernandes, Francisco Barata. 1999. *Transformação e permanência na habitação portuense. As formas da casa nas formas da cidade*. Porto: FAUP Publicações.
- . 2017. “O Douro: Frentes de arquitectura, de paisagem e património”. In *Paisagem Antiga, sua construção e (re)uso, reptos e perspetivas*, coord. L. Dias et P. Alarcão, 41-56. Porto: CITCEM.
- Ferrão, Bernardo. 1997. *Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás, 1758-1813. Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*. Porto: FAUP Publicações.
- Ferreira, Pedro. 2016. *Os caminhos da estrutura do território do Baixo Ave*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Graça, Manuel. 2004. *Construções de elite no Porto (1805-1906)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Macias, Marcelo, trans. 1906. *Cronicón de Idácio*. Ourense: Imprenta de A. Otero.
- Mantas, Vasco Gil. 2009. “A rede viária romana em Portugal. Estado da questão e perspectivas futuras.” *Anas* 22/23: 239-XX.
- Morais, Rui. 2018. “Douro, um rio aquém do esquecimento”. In *Construir, navegar, (re)usar o Douro da antiguidade*, coord. Lino Tavares Dias et Pedro Alarcão, Porto: Citcem, 21-43.
- Oliveira, J. M. Pereira de. (1973) 2007. *O espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento*. Edição fac-similada. Porto: Edições Afrontamento.
- Reorganização administrativa do território das freguesias. Lei no. 11-A/2013*. 2013. *Diário da República*, 1ª série, 19 (28 de Janeiro): 552(2-147). URL: [data.dre.pt/eli/lei/11-a/2013/01/28/p/dre/pt/html](http://data.dre.pt/eli/lei/11-a/2013/01/28/p/dre/pt/html)

- Telles, Gonçalo. 2016. *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos*. Lisboa: Argumentum.
- Teixeira, Helena. 2016. “O papel das estruturas portuárias no desenvolvimento urbano das cidades costeiras Euro-Atlânticas: O exemplo do Porto no início da idade Moderna.” In *La gobernanza de los puertos atlánticos, siglos XIV-XX, Políticas y estructuras portuárias*, coord. A. Polónia et A. Medina, pp-pp. Madrid: Casa de Velázquez.
- Santos, Henrique. 2010. *Do Tempo e da Paisagem: Manual para leitura de paisagens*. Cascais: Principia Editora.
- Silva, António. 2018. “Cale Callaecorum Locus? Notas arqueológicas sobre a ocupação indígena e romana da foz do Douro.” In *Construir, navegar, (re)usar o Douro da antiguidade*, coord. L. Tavares Dias et P. Alarcão, 45-67. Porto: Citcem.
- . 2010. “Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa.” *Gallaecia* 29: 213-262.
- Soria, Vicenzo. 2013. “O conceito de ‘romanização’ e o panorama académico português.” In *Arqueologia em Portugal*, pp-pp. 150 anos. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 711-716.
- Vias Romanas em Portugal. Itinerários Romanos*. 2004-20. [Recurso de Georreferenciação em linha] 2004-20. URL: [http://www.viasromanas.pt/#braga\\_lisboa](http://www.viasromanas.pt/#braga_lisboa).
- Vieira, José. 1887. *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO

### AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também considerados para publicação.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published on the aforementioned subjects are also published.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA

---

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA